

As polarizações entre meios técnicos e comunicativos

The polarization between technical and communicational media

Lucrécia D'Alessio Ferrara

ldferrara@hotmail.com

É professora titular emérita da PUC-SP e professora titular aposentada da USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo). Atualmente exerce a função de professora titular junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Universidade Católica de São Paulo.

Resumo

Dividido em quatro itens, esse trabalho tem como objetivo propor reflexões sobre a frequente dicotomia que se estabelece entre meios técnicos e comunicativos. Para encontrar os caminhos da possível superação daquela polarização, entende-se que é indispensável considerar que comunicação não supõe, apenas, uma função transmissiva, mas desenvolve, sobretudo, estreita relação com a técnica, visto que não pode dispensar sua colaboração a fim de construir a vinculação que está presente em todas as relações comunicativas. Esse objetivo sugere a necessidade de observar distintos elementos que propõem à epistemologia da comunicação outros vetores de análise e sugerem a necessidade de relativizar aquela polarização.

Palavras-chave: comunicação, técnica, transmissão, informação, epistemologia.

Abstract

Divided in four items, the aim of this work is to discuss the usual dichotomy between technical and communicational media. In order to find possible ways to overcome this polarization, it is indispensable to consider communication not as a simple transmission of data but as a process in which there is a close relation with technique, since it cannot dispense with the latter's cooperation to build the tie which is present in all communicational relations. This aim implies the need to consider various elements that propose to communication epistemology other angles of analysis and point to the need to relativize that polarization.

Keywords: communication, technique, transmission, information, epistemology.

L'analogia serve a "capire", non a "spiegare" la storia: dove capire significa saper descrivere una situazione a noi ignota per mezzo di riferimenti a cose note. Ma è solo nei manuali di metodologia che "esplicazione" e "descrizione" compaiono quai concetti nettamente distinti (Melandri, 2004, p. 39). (1)

In che modo l'analogia permette di declinare in modo diverso le opposizioni binarie che definiscono la logica occidentale? La risposta di Melandri è che essa agisce trasformando ogni volta le opposizioni dicotomiche – rigide, scalari e contraddittorie in opposizione dipolare, cioè tensionali, vettoriali e contrarie (Agamben, 2004, p. XVI).¹

Quando a tecnologia estende ou prolonga um de nossos sentidos, a cultura sofre uma transposição tão rápida quanto rápido for o processo de interiorização da nova tecnologia (McLuhan, 1972, p. 70).

1. A imagem de um conceito

A ciência necessita de visibilidade para tornar compreensíveis os elementos que devem caracterizar as inferências lógicas que a definem; para tanto, necessita ir além da lógica e aproximar-se da analógica, ou seja, a ciência

¹ “De que modo a analogia permite definir de modo distinto as oposições binárias que definem a lógica ocidental? A resposta de Melandri é que ela age transformando sempre as oposições dicotômicas

– rígidas, escalares e contraditórias – em oposições despolarizadas, isto é, tensionais, vettoriais, contrárias” (Agamben *in* Melandri, 2004, p. XVI).

se aproxima das configurações que, operando por comparações, procuram transformar a rigidez das dicotomias em imagens que tensionam as polarizações e nos permitem ver, mais do que explicar. Ou seja, indo além da hermenêutica, o conceito necessita da invenção heurística a fim de ser possível transformar a explicação totalizante em descoberta de um possível sentido mais abrangente, embora menos convincente.

O conceito necessita recorrer à analogia que não explica, mas nos faz entender o mundo. Necessita ultrapassar a linearidade das totalizações explicativas, a fim de alcançar o sentido da sinuosidade cognitiva que vai além da abstração conceitual e nos fazer ver com olhos atentos, olhos da mente. Considerando as epígrafes introdutórias a esse trabalho, procura-se substituir a lógica pela analógica, a hermenêutica pela heurística, a contiguidade causal pela similaridade, e, “desse ponto de vista, as metáforas são úteis para o pensamento no sentido de que são analogias” (Pinker, 2008, p. 291). Nesse sentido, a instigante metáfora de McLuhan “os meios de comunicação como extensões do homem” (1969) ou suas leis da mídia (2007, p. 92) apontam outros caminhos.

Embora considerando que o objeto central desse trabalho esteja vinculado à polarização entre meios técnicos e comunicativos, não é possível deixar de considerar a densidade investigativa, social, cultural e política que subjaz ao fenômeno da polarização; nesse sentido, não é possível optar, *a priori*, por nenhuma seleção de conceitos ou autores que serviriam de base fixa e condutora para uma reflexão explicativa da polarização entre meios técnicos e comunicativos. Ao contrário, pretende-se circular entre vários conceitos que estimulam a curiosidade e podem nos permitir entender as potencialidades e limites da polarização estudada nesse trabalho. Portanto, o primeiro objetivo desse artigo é inverter a linearidade lógico-causal daquela polarização, a fim de ser possível apreender o volume reflexivo que está subjacente a ela. Não se pretende descrever, explicar ou encontrar soluções que possam levar a superar aquela polarização, mas entender seus possíveis significados e, talvez, apreender outras pretensas polarizações similares àquela que se verifica entre os meios técnicos e comunicativos, mas que podem não se justificar. Nesse sentido, estuda-se a polarização cultural que se desenvolve não só entre meios técnicos e comunicativos, mas sobretudo entre polarizações como: comunicação e informação, meio físico e ambiente, explicação e compreensão, arqueologia e genealogia, progresso técnico e evolução das espécies vivas.

Se o conceito não deve ser entendido como um *a priori* à metáfora que o nomeia, aquela compreensão pode desenvolver a analogia entre o que se vê/sente e a inferência imprevista do que se acredita explicar de modo definitivo. A analogia está no meio do caminho entre a explicação e a compreensão, entre a hermenêutica e a

heurística das realidades que, como intrigantes assinaturas, povoam o espaço do mundo e da história. Como consequência, entende-se que o conceito não deve ser usado como um *a priori* que explica o universo fenomênico; ao contrário, surge como elemento adequado ao desenvolvimento da capacidade crítica que nos permite entender o mundo, sem querer explicá-lo ou defini-lo. A investigação é constante pergunta feita ao mundo e, nesse sentido, seu estímulo é a dúvida e não a certeza aplicativa do conceito.

Em rigorosa Introdução ao não menos antológico texto de Melandri, Agamben recorre aos desvios analógicos que se situam entre a polarização e a tensão, entre a explicação e a compreensão:

Come tutte le immagini spaziale attraverso cui ci rappresentiamo qualcosa di ordine essenzialmente temporale, anche questa può essere fuorviante. Per intendere il movimento che è in questione, occorrerà restituire la sua complessità alla sfera semantica del termine limen (soglia), che i latini sentivano vicino a limes (confine) e a sublimis (etimologicamente, da sub+limis, che sale in linea obliqua). Il gesto subliminare dell'archeologia non passa sotto una soglia spaziale, ma taglia un limes temporale che divide due termini dicotomici, si muove diagonalmente fra di essi per neutralizzarli. Il passaggio subliminare non atinge, cioè, a un arci-passato che precede cronologicamente le scissioni, ma al presente come medio analogico tra gli estremi. La regressione archeologica è l'unica via d'accesso al presente (Agamben, 2004, p. XXII e XXIII).²

Como uma transversal, a analogia abre outro caminho para a heurística que, embora sugerida pela teoria, vai além dela não para ultrapassá-la, mas para torná-la perceptível em outros sentidos e possíveis sugestões inferenciais. Ou seja, para compreender o mundo, a ciência deve superar os limites da explicação e aderir à sutil sugestão das inferências que, analógicas, se escrevem no passado e no presente, fazendo-nos rever os limites lógico-lineares que atravessam a ciência no tempo e no espaço. A analogia surge como matriz da heurística das inferências e

2 “Como todas as imagens espaciais através das quais representamos alguma coisa de ordem essencialmente temporal, também ela pode ser transviada. Para entender o movimento que está em questão, é necessário restituir sua complexidade à esfera semântica do termo *limen* (soleira) que os latinos entendiam próximo a *limen* (limite) e a *sublimis* (etimologicamente decorrente da relação *sub+limis*, que se refere àquilo que aparece em linha oblíqua). O gesto subliminar da arqueologia não se circunscreve como uma soleira espacial, ao contrário, corta um *limes* temporal que divide dois termos dicotômicos, se move de modo diagonal entre eles para neutralizá-los. Isto é, a passagem subliminar não atinge um passado remoto que precede cronologicamente as fissuras, mas refere-se ao presente como analogia entre extremos. A regressão arqueológica é a única via de acesso ao presente” (Agamben in Melandri, 2004, p. XXII e XXIII).

nutre uma espécie de visibilidade ou imagem polissensível de um conceito. Nesse sentido, outro objetivo desse trabalho é tensionar a compreensão de conceitos que sugerem polarizações e têm ocupado a história e as teorias da comunicação e, naturalmente, sua epistemologia. Entre esses conceitos, pergunta-se qual é a verdadeira relação que está presente na metáfora apocalípticos e integrados (Eco, 1965, p. 67) ou na crítica à manipulação cultural desenvolvida pelo uso da técnica, polemizada pela célebre teoria crítica da Escola de Frankfurt e, sobretudo, por Adorno (1974, p. 298).

2. Sentidos de conceitos recorrentes

Entre os seres vivos, a cultura é traço que caracteriza a espécie humana, mas ela só se faz compreender se estiver concentrada em um conceito que, enquanto tal, é naturalmente abstrato, mas pode se expandir em uma imagem que assume características de transmissão e conservação; a cultura transforma-se em tradição e, no tempo, marca comportamentos e valores deixando traços recuperados pela História. A tradução de conceitos em imagens metafóricas é, portanto, elemento imprescindível para a construção da cultura e da tradição. Na sua evolução, a inteligência do ser humano se distingue das demais espécies vivas pela capacidade de operacionalizar conceitos abstratos “ampliados pela capacidade de estender esses circuitos a novos domínios através da abstração metafórica. Ela se baseia na ideia de que pensar é achar uma metáfora: ‘a metáfora da metáfora’” (Pinker, 2008, p. 275).

Observando essa capacidade simbólica, Logan (2012, p. 157) entende a inteligência humana como ferramenta utilizada para conservar e transmitir os parâmetros culturais, favorecendo a aprendizagem dos valores e comportamentos, transformados em hábitos. Portanto, essa capacidade simbólica é uma ferramenta do processo cultural que se expande e se concretiza através de imagens:

A cultura representa o modo pelo qual uma sociedade organiza sua vida material em relação a comida, abrigo, vestimenta, proteção, etc. Essa organização é baseada em símbolos, mas tem um efeito de causalidade descendente nos artefatos materiais da sociedade e no comportamento dos seus membros (Logan, 2012, p. 157-158).

Assim como Agamben na citação anterior, e vários outros autores replicam³, observa-se que, nessa citação,

3 Gregory Bateson (2006), por exemplo, fala em cismogênese para se referir, simbolicamente, às fissuras da comunicação social que dão origem ao conhecido conceito de “duplo vínculo”, frequentemente confundido com incomunicabilidade. Na mesma linha de

Logan afirma que a cultura se concretiza ao adquirir a forma que constitui sua materialidade. Nesse sentido, a cultura parece aderir à metáfora da forma geométrica que nos leva a perceber, por exemplo, a dimensão esférica do volume que, substituindo o plano circular, se projeta na espessura e extensão do espaço. Tornando-se concreto, o conceito de cultura pode ser substituído pela visualidade e peso da esfera que, de modo metafórico, constitui sua imagem e a forma como se faz compreender. Concreta e mais do que um conceito, a cultura assume a imagem de uma esfera e, assim, constrói seu espaço; desse modo, é necessário observar que a compreensão do conceito espacial de cultura vai além da simples constatação do plano circular, para assumir a materialidade volumétrica. Diferem o círculo e a esfera, assim como a ciência e a cultura.

Para a cultura ocidental, a representação simbólica através da esfera tem sido recorrente e surge em vários domínios científicos; assim, fala-se em biosfera, fisiosfera, tecnosfera, psicosfera, semiosfera, ecosfera, simbolosfera como metáforas de conceitos que, emanados das condições e características de distintas áreas científicas, constituem ressonâncias de um modo de ser da cultura. A esfera corresponde à forma heurística pela qual conservamos, transmitimos e, sobretudo, observamos as interações que constituem a cultura, e sugere prestarmos atenção às correspondências que se estabelecem entre áreas científicas. Entre ciência e cultura surge uma rede que apresenta tênues relações de correspondências que a propalada autonomia científica de cada área limita, divide e polariza, dificultando a percepção das ressonâncias que se estabelecem entre as áreas do conhecimento e cuja apreensão poderia estimular relações cognitivas a-disciplinares. Entre as áreas do conhecimento, a cultura não promove polarizações, mas tece associações que exigem flexibilidade cognitiva para serem percebidas.

3. A forma da mente

Se a esfera é forma simbólica da cultura, ela propaga, em fluxo e em espiral, sua organização e nos possibilita ter consciência do modo como se nos apresenta o mundo; naquele fluxo, encontram-se a ciência, a linguagem e a tecnologia; o cérebro, a mente e a consciência:

A consciência permite saber que as imagens existem dentro do indivíduo que as forma, situa as imagens na perspectiva do organismo, relacionando-as a uma representação integrada do organismo, e, com isso, permite a

aproximações simbólicas, Bruno Latour (2006) propõe a metáfora de ator-rede e o conceito de sociologia das associações que, em rede, substituiriam a linearidade das simples relações sociais que encontram na família seu maior exemplo.

manipulação das imagens em favor dele. No processo de evolução, quando a consciência surge, ela anuncia o despontar da antevisão do indivíduo (Damásio, 2015, p. 31).

A relação entre essa citação do neurocientista e as afirmações anteriores nos permite perceber que, se a esfera representa a forma da consciência que podemos ter do mundo e da propagação da cultura, ela também produz a informação que dá forma à mente e à consciência: “A conexão entre informação e mente pode ser rastreada até a definição original da palavra ‘informar’, que é dar uma forma à mente” (Logan, 2012, p. 67).

Essa forma permite fazer com que a informação se organize, se transmita e se propague em um tríplice processo de movimento que a estimula a transformar-se, na medida em que troca energia com outros elementos vitais com os quais se relaciona e interage. Entre esses elementos está a tecnologia que dá materialidade à informação e permite que ela se vincule à comunicação, à linguagem e à mente. Por analogia, aquela materialidade pode ser incorporada à forma esférica que permite a um conceito encontrar sua imagem. Linguagem e tecnologia são meios da comunicação e da informação que dão forma à mente.

A Segunda Lei da Termodinâmica (Von Bertalanffy, 1968) observa que, embora organizada, a informação se propaga de modo entrópico, mas, para entender esse processo, é necessário observar que ele não desorganiza a informação, mas faz com que ela se processe de modo cada vez mais intenso, na medida em que a troca entre elementos ambientais fazem-na cada vez mais complexa, porém mais incerta. A célebre Teoria Matemática da Informação (Shannon, 1949) conceitua a informação como dado neguentrópico seguro e inalterável, conservada em arquivos estáticos e fechados disponíveis ao uso social, cultural, econômico ou político. Contrariando essa teoria, a Segunda Lei da Termodinâmica observa que é próprio da informação organizar-se e propagar-se de modo entrópico; ou seja, a informação será tanto mais dinâmica quanto mais intensa for a troca de energia com outras materialidades que a envolvem, troca que a torna cada vez mais inteligente, porém mais incerta.

Na medida em que cria um meio ambiental que acaba por se tornar igualmente informado, aquela troca leva à percepção da organização assumida pela informação e faz com que o meio seja a mensagem (McLuhan, 1969). Entrópica, a informação não é conteúdo ou dado arquivado e fechado, mas cria ambiente ou contexto abertos que sustentam sua transformação e materialidade midiática. Informação é movimento de troca entre energias que partilham um contexto ambiental, comunicativo e midiático. A linguagem é a materialidade enunciativa que permite entender aquela troca e o sentido da informação que se desenvolve e se torna cada vez mais rica e entrópica, enquanto é propagada.

A troca ambiental que transforma a informação em diferença que faz a diferença (Bateson, 2006) inspirou Von Bertalanffy a entender que, se a informação não é um dado armazenado, mas exige um salto ambiental ou contextual para ser entendida, exige, também, a necessidade de superar o território da física onde inicialmente a teoria foi formulada e levar ao desenvolvimento do movimento informacional que caracteriza toda produção de conhecimento. A ciência atua entre variáveis que trocam informação e fazem com que todas as áreas de conhecimento sejam comunicantes. Incerta e entrópica, a informação não é uma invariável, mas é variável múltipla e ambiental que atinge, embora de modo específico, a produção de conhecimento entre as áreas científicas. Informação não é estática, mas, dinâmica e flexível, exige ágil interpretação do sentido enunciado nas intencionalidades da linguagem que é seu meio comunicante e, naturalmente, seu modo de transmitir-se.

O contexto que produz informação gera, ao mesmo tempo, a capacidade de aprender a produzir inferências entre dados qualitativos e a cultura que, exclusiva da espécie humana, se desenvolve através da comunicação e da memória e, na história, é conservada como tradição. Essas propriedades transformam a matéria tecnológica dos meios em materialidade, ou seja, constituem o modo como, ao trabalhar com os meios e entre eles, os homens os transformam e os adaptam à produção de outras interações. Nesse sentido, meios técnicos e materialidade dos meios não se confundem, porque a segunda assinala o modo pelo qual nos apropriamos dos meios e os transformamos em informação. A tecnologia permite ao homem produzir informações contextualizadas, mas elas não se confundem com diferenças cognitivas entre áreas científicas.

4. A comunicação no meio dos meios

Para que a informação propague sua organização, precisa de meios que, como a linguagem, podem não ser passíveis de ter as respectivas quantidade ou qualidade computáveis. Se a matéria dos meios pode ser física ou técnica, suas materialidades comunicativas são simbólicas e as respectivas produção e reprodução dependem de processos desenvolvidos pelas espécies vivas. No caso da espécie humana, os impulsos produzidos pela troca informativa com o ambiente são de natureza mental e cognitiva, ou seja, utilizam instrumentos que, como a linguagem, lhes possibilitam não só a transmissão, mas, sobretudo, multiplicar a informação, transformar ou inventar outras linguagens, uma mente estendida (Logan, 2012, p. 72).

A tecnologia é um daqueles instrumentos, mas os meios técnicos que propagam a informação são de natureza físico-material e programados para executar tarefas

com determinado desempenho; portanto, a informação que pode decorrer dos meios não depende da própria natureza material que os caracteriza, mas decorre daquilo que os seres humanos organizam, transmitem e propagam, a partir do modo como transformam os meios técnicos em materialidades comunicativas. Distinguem-se meios técnicos e meios comunicativos, pois o que se propaga não é a natureza física dos meios, mas o modo como são utilizados e transformados em materialidades comunicativas. Programados e funcionais, os meios técnicos constituem sistemas fechados e neguentrópicos, mas não emerge deles a propalada polarização com os meios comunicativos.

Embora o processo cognitivo-inferencial que elabora uma programação seja inteligente, pois pode agenciar transformações funcionais exemplificadas pela própria evolução tecnológica, observa-se que aquela dimensão inteligente parte do modo como ferramentas físicas são transformadas e, nesse processo, podem atingir complexidades funcionais entendidas como hábeis e úteis, pois são capazes de múltiplas ações que auxiliam o desempenho do nosso cotidiano. Ou seja, é indispensável observar que aquela inteligência depende das intencionalidades comunicativas dos programadores que as agenciam de modo inteligente:

As tecnologias que incluem produtos, serviços, processos e sistemas inventados pela humanidade pertencem a um espaço semelhante ao da biosfera que é comumente conhecido como tecnosfera. O conceito de tecnosfera, tal como o empregamos nesse estudo, consiste nos conceitos simbólicos abstratos utilizados na criação e no uso de ferramentas ou tecnologias, não nas ferramentas físicas reais ou nas próprias tecnologias. [...] Tecnologias são, portanto, não autônomas e sua agência é em geral dirigida pelas intenções de seus usuários humanos. A questão que surge, portanto, é até que ponto podemos afirmar que as tecnologias realmente possuem agência. [...] Há uma diferença, no entanto, entre a evolução dos organismos biológicos e a tecnologia, que está na etapa da modificação. Na biologia, as modificações são aleatórias e não intencionais, enquanto na tecnologia as modificações são intencionais e escolhidas pelo designer da nova tecnologia (Logan, 2012, p. 176, 184).

As diferenças de agenciamento entre as espécies bióticas e tecnológicas exigem um tempo cultural para serem apreendidas. Nesse sentido observamos que, a partir da emergência da World Wide Web, o digital pode alcançar certo tipo de agenciamento que, apoiado em algum processo técnico e programado, alcança inequívoca eficiência e desempenho, semelhantes àqueles que as palavras, gestos, olhares, odores desenvolvem, quando se conectam com estranha atração de significados e sentidos que os

aproximam e interinfluenciam. A organização sintática e semântica verbal constitui exemplo dessas possíveis associações que agenciam sentidos distintos, dependendo da *performance* dos respectivos enunciados.

Embora a tecnologia desenvolva a capacidade informativa da espécie humana, sobretudo através da flexibilidade de uso dos meios técnicos digitais fixos ou móveis que interferem no modo e, sobretudo, na velocidade com que a informação é transmitida e propagada, observa-se que as organizações informacionais da tecnologia e da mente humana diferem no modo como organizam os ambientes e, sobretudo, nas suas consequências. Distinguem-se meios técnicos e meios comunicativos. A linguagem e a tecnologia organizam a informação, mas o modo como o fazem as distingue, embora não as polarize.

Desde Heidegger, a essência da técnica constitui desafio interpretativo e cognitivo, e o filósofo procura, em antológica conferência, distinguir técnica e essência da técnica; para tanto, opõe técnica como “meio para certos fins” e a “atividade do Homem” (2002, p. 11). Para explicitar essa oposição, o filósofo relembra a célebre *causa efficiens* proposta por Aristóteles para designar a causa como meio eficiente de uma consequência ou forma que se revela, ao mesmo tempo em que evidencia a respectiva causação técnica. Nesse sentido, a *causa efficiens* não se revela apenas no seu agenciamento, mas sobretudo nas suas consequências.

Temos assim um movimento duplo e contraditório que marca a história humana no mapa do progresso técnico. Enquanto replica ou mimetiza o sentido da própria evolução do ser humano como espécie viva, a tecnologia aprende a produzir programas como se fossem linguagens e, desse modo, propaga a eficiência das suas produções e sobretudo o sentido das suas consequências:

Temos assim um movimento duplo e contraditório: a humanidade, e somente ela entre todas as coisas vivas, tenta construir para si mesma um alter ego imortal e, ao mesmo tempo, tenta aperfeiçoar a seleção natural por meio da seleção artificial – um ato que confere ao ser humano um privilégio absoluto (Baudrillard, 2001, p. 23).

Com a certeza ou crença de que a tecnologia é seu *alter ego*, o ser humano procura eliminar a assinatura que caracteriza suas próprias produções e revelações, tenta eliminar todas as diferenças que constituem sua evolução e o fazem constituinte do ambiente que o cerca e informa. Para superar essa crença, é necessário entender a diferença como alicerce da arquitetura da evolução e, nesse sentido, a diferença que se estabelece entre o homem e as demais espécies vivas, entre o ser humano e suas invenções, entre técnica e tecnologia, entre meios técnicos e meios comunicativos, entre informação e

comunicação. As diferenças superam polarizações, porque exigem serem reconhecidas no movimento que produz diferenças entre diferenças; ou seja, não é a tecnologia que altera as relações sociais, mas as consequências dela (McLuhan, 2007).

A arquitetura dessas diferenças aponta outro ponto da análise quando se volta para a própria construção metodológica da produção de inferências. As relações que se estabelecem entre a linguagem, a tecnologia e a comunicação nos permitem inferir que se a técnica recobre a comunicação de índices ou marcas que especializam sua história e constroem sua cultura arqueológica, a linguagem, ao contrário, se duplica na história de um longo tempo que nos permite perceber que os enunciados se dobram e se desdobram, na medida em que são locuções que concretizam a história da comunicação marcada pelos programas técnicos.

Nesse sentido, se a tecnologia deixa índices, marcas ou assinaturas que nos permitem perceber o curso das suas transformações e seu modo de acontecer, a inteligência da comunicação deixa rastros. Embora índices e rastros se refiram a elementos que permitem perceber a travessia da informação, eles distinguem-se pelas respectivas intencionalidades comunicativas, que se modificam ao desenharem distintas mas, muitas vezes, incontroladas e imprevisíveis diretrizes do conhecimento:

O que une os capítulos deste livro [...] é a relação entre o fio – o fio do relato que nos ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade – e os rastros. Há muito tempo trabalho como historiador: procuro contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras que às vezes têm como objeto o falso. [...] Ler os testemunhos históricos a contrapelo, como Walter Benjamin sugeria, contra as intenções de quem os produziu – embora, naturalmente, deva-se levar em conta essas intenções – significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados (Ginzburg, 2007, p. 7 e 11).

Se a arqueologia é notável, porque constitui registro fenomênico da realidade técnica, a genealogia da comunicação parece mais obscura ou ambígua porque, trabalhando com elementos incontrolados, pode parecer ficcional e não ser notada como o são os anteriores índices arqueológicos. Se recolher índices é operação metodológica da arqueologia da técnica, a genealogia da comunicação, dispersa na história da cultura, depende da capacidade inferencial cognitiva que, utilizando a própria transformação dos meios técnicos, faz acontecer a diferença do modo como eles auxiliam a comunicação e nos levam a perceber como a linguagem difere dos programas técnicos e assinala as transformações da espécie humana entre todas as espécies vivas. Distinguem-se a arqueologia

e a genealogia, a natureza dos meios técnicos e suas relações com a comunicação.

Entretanto, essas diferenças não se estabelecem em uma ordem histórica de antes e depois; ao contrário, se a arqueologia da comunicação é estudada através das marcas e índices que, tecnológicos, desenvolvem específica configuração semiótica apreensível através de descrições metodologicamente desenvolvidas, a inteligência dos meios comunicativos é responsável pela genealogia da história humana que distingue traços e fraturas que, decorrentes da técnica, marcam sua evolução:

*Sem dúvida a ciência é uma arte de manipular a natureza. Mas é também um esforço para a compreender, para responder a algumas questões que, de geração em geração, alguns homens não cessaram de colocar a eles mesmos. Uma dessas questões voltou, através deste livro, como tema obsessivo, e obsidia a história das ciências e da filosofia. É a questão da relação entre o ser e o devir, entre a permanência e a mudança [...] a necessidade de uma explicação que reduza o diverso e a mudança ao idêntico e ao permanente e que, por conseguinte, **elimine o tempo** (Prigogine, Stengers, 1984, p. 203 e 210).*

Se as características do fogo levaram às novas configurações do modo de vida que assinalou a passagem do paleolítico ao neolítico, a imprensa e a eletricidade criaram formas mais democráticas de comunicação, enquanto o eletroeletrônico permitiu a comunicação à distância. Por sua vez, o digital vem transformando o planeta em uma aldeia feita de muitos lugares que, embora diferentes nas respectivas semióticas culturais, revisitam os antigos conceitos de tempo e espaço, para reinventá-los nas diligências, quase inacreditáveis, de um aqui e agora possível tecnologicamente, mas estranho ou distante como realidade cultural, social e política. Mudamos com a tecnologia e, através dela, transformamos o mundo.

Se a arqueologia torna evidente a configuração dos fenômenos técnicos, a genealogia, ao contrário, desenha, através de diferentes enunciados mais ou menos exatos, a transformação da história no modo como se enuncia. Se entre enunciados se estabelecem ressonâncias que exigem ser comparadas a fim de apreender o percurso de uma transformação, os índices ou as marcas fenomênicas das técnicas exigem ser descritos, a fim de ser possível apreender os efeitos que permitem distinguir as diferentes emergências de meios técnicos e comunicativos.

A arqueologia e a genealogia ou os índices e os traços podem indicar a polarização de polos antagônicos; entretanto, é necessário apreender a correlação que entre eles se evidencia e nos leva a perceber a diferença entre aqueles polos sem que, necessariamente, se oponham ou se neutralizem hierarquicamente, através de uma escala de

valor científico dogmático ou descontínuo. Ao contrário, entre arqueologia e genealogia se estabelece uma analogia que, superando dicotomias, evidencia a constante transformação daquilo que parecia estático. Entre arqueologia e genealogia configura-se uma continuidade investigativa que nos leva a reconhecer, através dos índices, os traços que caracterizam a inteligência dos meios comunicativos e demarcam a história.

A arqueologia dos meios técnicos é um método de descrição ou organização de um arquivo de índices (Foucault, 1986, p. 87) que denunciam a fenomenologia da técnica; a genealogia se ocupa de uma possível compreensão do modo como aqueles meios atuam de maneira inteligente, ou seja, a genealogia tentaria apreender as assinaturas que permitem compreender as consequências da tecnologia e a fazem inteligível:

La teoria delle signature conosce qui, tuttavia, uno svolgimento ulteriore, che rende evidente l'inadeguatezza del concetto di segno a dar conto del problema. Innanzi tutto, la segnatura ora non è più soltanto ciò che, mettendo in relazione ambiti diversi, manifesta la virtù occulta delle cose; essa è, piuttosto, l'operatore decisivo di ogni conoscenza, ciò che rende intelligibile il mondo, che è in se, muto e senza ragione [...] (Agamben, 2008, p. 43).⁴

Se a arqueologia dos meios técnicos se ocupa das marcas, índices, hábitos, valores, comportamentos decorrentes do poder, agora rotineiro, dos dispositivos digitais no cotidiano, a genealogia se ocupa dos traços decorrentes das consequências do digital, dispersas na velocidade e na aceleração, na instabilidade e na mudança, no tempo real e no espaço imediato. A arqueologia se ocupa do plano das experiências fenomênicas da técnica, enquanto a genealogia lidera a inteligência comunicativa da técnica que, decorrente da invenção da espécie humana, a estimula a criar e a reinventar. A espécie humana e as tecnologias são inteligências convergentes, embora possam parecer concorrentes.

A eficácia dos meios técnicos e a competência da sua utilização assinalam as marcas arqueológicas da comunicação que a distinguem em distintas mídias; a inteligência dos meios comunicativos permite ao ser humano desenvolver suas competências cognitivas para inventar outros meios técnicos que lhe permitem construir a história e o modo como traça suas diferenças entre todas as espécies

vivas. Distinguem-se a arqueologia da técnica e a genealogia da comunicação e, nessa distinção, diferenciam-se a utilização e a inteligência dos meios técnicos e comunicativos, as invenções do ser humano e a história que, escrita com o auxílio da técnica, estabelece diferenças, mas assinala o limite das polarizações:

Caso se entenda a história como algo presente não apenas quando demanda aceitação como responsabilidade e ônus, mas também quando há um valor que permita desenvolvê-la como atração especial, precisar-se-á de uma perspectiva diferente em relação àquela que é apenas capaz de buscar o velho no novo. Nessa última perspectiva, a história é promessa de continuidade e celebração da incessante marcha do progresso em nome do gênero humano. Tudo sempre esteve ao redor, apenas numa forma menos elaborada, precisamos apenas observar. A passagem dos séculos apenas aprimora e aperfeiçoa as grandes ideias arcaicas. [...] Nesse livro, procuro expor essa abordagem na forma de uma expedição ou busca (an)arqueológica [...] (Zielinski, 2006, p. 19).

Ao contrário dos meios técnicos ou indo além deles, observa-se que a inteligência que os identifica supera as programações para, em uma espécie de avesso arqueológico, encontrar-se com a capacidade de imaginar que, evolutivamente, leva a humanidade a utilizar suas invenções e respectivas utilizações, para superar dificuldades de subsistência, comunicação e organização. A analogia auxilia essa superação na medida em que, operando com comparações e contrastes entre coisas que nos parecem idênticas, nos leva a perceber, para além das oposições, as diferenças que nos podem ajudar a perceber a distinção entre valores pessoais e coletivos.

Se a arqueologia se volta para a coleta das marcas fenomênicas da técnica e se evidencia pelos métodos que distinguem e diferenciam aquela coleta, a genealogia procura, nos traços da evolução histórica, os elementos que permitiram, à cultura, o registro e a conservação do modo como as invenções têm construído a história da comunicação.

Embora esse texto não tenha a pretensão de ser assertivo, observa-se, a título de possível conclusão, que interpretações da história através de polarizações acabam por fazer prevalecer um único aspecto da questão em análise. Na realidade, classificações que operacionalizam polarizações como aquela que se estabelece entre meios técnicos e comunicativos, mas que podem ser expandidas para outros domínios sociais e políticos, colocam em operação polos simétricos, embora aparentemente divergentes. Ao classificá-los como polarizados, privilegia-se a oposição, e não se observa a simetria que lhes é constitutiva. Ou seja, polarizações decorrem de uma dificuldade de percepção

4 "Todavia, a teoria das assinaturas conhece aqui um desenvolvimento anterior que torna evidente a inadequação do conceito de signo para dar conta do problema. Antes de tudo a assinatura não é, agora, apenas aquilo que, colocando em relação âmbitos diversos, manifesta a virtude oculta das coisas; mas é, sobretudo, o operador decisivo de todo conhecimento, isto é, aquilo que torna o mundo inteligível que, em si mesmo, é mudo e sem razão [...]" (Agamben, 2008, p. 43).

que leva a entender como oposição aquilo que é, sobretudo, diferença que faz a diferença entre a assunção de crenças em estereótipos e a crítica que deve estar sempre disponível para perceber o imprevisto e inspirar a ação social.

Para ser possível essa percepção tendo em vista avançar no seu domínio, é necessário superar a lógica que observa a linearidade entre causas e consequências para desenvolver uma reflexão analógica que nos permite apreender a multiplicidade das diferenças que se estabelecem entre o uso dos meios técnicos e a inteligência dos meios comunicativos, entre os índices midiáticos da comunicação e a constante invenção do comunicar que, como uma *arqueologia*, acontece na trilha do passado para o presente e projeta a inteligência contemporânea para a procura de outro tempo não imediato, mas profundo e distinto das certezas de uma falsa conquista programada e fixa.

Referências

- ADORNO, T. 1974. *Théorie esthétique*. Paris, Klincksieck.
- AGAMBEN, G. 2004. Archeologia di un'archeologia. In: MELANDRI, Enzo. 2017. *La Linea e Il Circolo: Studio logico-filosofico sull'analogia*. Macerata, Quodlibet, p. XI-XXXV.
- AGAMBEN, G. 2008. *Signatura Rerum: Sul metodo*. Torino, Bollati Boringhieri.
- BATESON, G. 2006. *Una unidad sagrada: Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Barcelona, Gedisa.
- BAUDRILLARD, J. 2001. *A ilusão vital*. Petrópolis, Vozes.
- DAMÁSIO, A. 2015. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ECO, U. 1965. *Apocalittici e Integrati*. Milano, Bompiani.
- FOUCAULT, M. 1986. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- GINZBURG, C. 2007. *O fio e os rastros*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HEIDEGGER, M. 2001. *Ensaio e conferências*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes.
- LATOUR, B. 2006. *Changer de société, refaire de la sociologie*. Paris, La Decouverte.
- LOGAN, R. 2012. *Que é informação? A propagação da informação na biosfera, na simbologia, na tecnosfera, na econosfera*. Rio de Janeiro, Contraponto/PucRio.
- MCLUHAN, M. 1969. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix.
- MCLUHAN, M e E. 2007. *The Laws of Media: The New Science*. Toronto, University of Toronto Press.
- MELANDRI, E. 2004. *La Linea e Il Circolo: Studio logico-filosofico sull'analogia*. Macerata, Quodlibet.
- PINKER, S. 2008. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo, Companhia das Letras.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. 1984. *A Nova Aliança*. Brasília, Editora UnB.
- SHANNON, C. 1949. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana-Champaign, University of Illinois Press.
- VON BERTALANFFY, L. 1968. *General Systems Theory: Foundations, Development, Applications*. New York, George Braziller.
- ZIELINSKI, S. 2006. *Arqueologia da mídia: Em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo, Annablume.

Artigo submetido em 16-10-2019

Aceito em 01-07-2020